

RUY BELO  
A POESIA EM ESTADO PERMANENTE DE INFÂNCIA

Isabel Bellezia dos Santos Mallet<sup>1</sup>

Mestrado em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa, em andamento pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Apoio da Faperj

RESUMO:

Este artigo tem como principal objetivo a apreciação de parte da produção poética de Ruy Belo. O poeta lusitano, ao inscrever as margens de um Portugal fascista no centro de sua poesia, impele-nos a investigar tendências de uma literatura inteiramente consciente de seu papel coletivo e combatente. Para tal, tentou-se observar de que forma o ato da escrita confirma-se como possibilidade de enfrentamento de uma angústia que advém deste “tempo arruinado de cultura”. Foi, igualmente, objeto desta exposição a linguagem poética que, em estado permanente de infância, confirma-se como um espaço não arbitrário, capaz de fortalecer o repúdio por uma sociedade hierarquizada, politicamente submetida aos interesses de uma minoria.

Palavras-chave: Portugal/Fascismo/Poesia.

ABSTRACT:

The main objective of this article is the appreciation of a portion of the poetic production of Ruy Belo. The Lusitanian poet, when registering the borders of fascist Portugal in the heart of his poetry, leads us to investigate tendencies of a literature entirely conscious of its collective and fighting part. For such, there was an attempt to observe how the act of writing confirms itself as a possibility to confront the distress that comes from this “devastated time of culture”. It was, equally, object of this exposure the poetic language that, in a constant state of infancy, confirms itself as a non-arbitrary space, capable to strengthen the rejection to a hierarchical society, politically subjected to the interests of the minority.

Keywords: Portugal/Fascism/Poetry.

---

<sup>1</sup> A autora possui graduação em Português/Literaturas (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa, pela mesma instituição, onde, atualmente, é mestranda do Programa de Letras Vernáculas.

*Ao escrever [...] tenho a vaga consciência de que contribuo [...] para o aperfeiçoamento desta terra.*

(Ruy Belo, In: *Transporte no Tempo*, 1973)

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (LISPECTOR, 1999, p.134). Irretocáveis e exatas, as palavras citadas são de autoria de Clarice Lispector que, ao tentar entender seu próprio fazer literário, tornou-me claras as razões pelas quais, hoje, escrevo. É evidente que minha escrita não sustenta, nesse momento, natureza literária, mas apresenta-se, inquestionavelmente, como instrumento capaz de se pensar a literatura que, tratando de emoções várias, lança-nos ao desajuste e desequilíbrio de sentimentos e de razões. Procurar entendê-los e organizá-los em corpo textual são os motivos reais de minha escrita que, acolhendo, sem hesitação, as desordens provocadas pela poesia do português Ruy Belo, busca, através dos limites que nos impõem os signos linguísticos, abrir caminhos vários para o aprofundamento das especificidades e particularidades que envolvem a condição humana.

Portanto, se “pensar a escrita é assumir-se em desassossego” (PADILHA, 2007, p.17), como já nos disse Laura Cavalcante Padilha, assumo-me, agora, duplamente desassossegada, pois que me encontro a pensar, não apenas minha escrita, como seria inevitável, mas, sobretudo, a pensar, a produção poética de Ruy Belo que inscreve as margens do Portugal fascista no centro de sua poesia. Assim, inicio, neste momento, um processo de natureza reflexiva que pretenderá investigar tendências sólidas e inegáveis de uma literatura que parece fazer parte de um projeto consciente de seu papel coletivo, combatente e “responsável, no tecido social, como construtor de futuro” (MAGALHÃES, 1989, p.149). Trata-se do “ato da escrita como enfrentamento da angústia gerada pela sensação de incompletude e catástrofe que marca nossa humanidade” (ALVES, 2006, p.141):

*Eu sou um fugitivo da catástrofe  
mulher que tens por nome solidão  
Envolto numa aura de tristeza  
alumbro com profunda voz de órgão  
obscuros territórios da imaginação* (BELO, 2004, p.221-222)

Apesar de melancólica, portanto, como afirmou Fernando Pinto do Amaral, a poética de Ruy Belo revela, ainda, “uma espécie de alegria (como exaltação da força do ser) em resistir e insistir por meio da palavra poética, essa contraface da vida” (ALVES, 2006, p.145). Consideramos, pois, representativa desta resistência e insistência a poesia “O português futuro”, cujo sugestivo título encontra-se originalmente no livro, de 1969, *O Homem de Palavra(s)*. Seus versos, como veremos, “buscam não a esperança impossível, mas a compreensão da existência num tempo presente que apenas pode oferecer desilusão, descrença e desrazão” (ALVES, 2006, p.143). Ruy Belo trabalha a referida poesia “como um *homem de palavras* como alguém para quem a linguagem não é um meio mas um fim, isto é, como um poeta. E, portanto, também como um *homem de palavra*. O título do novo livro de Ruy Belo significa precisamente que o *homem de palavra* e o *homem de palavras* são, no poeta, um único e o mesmo indivíduo. Ou seja, que a autenticidade do poeta é a autenticidade da sua linguagem” (CRUZ, 2008, p.207).

Passemos, assim, à leitura do referido poema.

*O português futuro*

*O português futuro é um país  
aonde o puro pássaro é possível  
e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
as profundas crianças desenharam a giz  
esse peixe da infância que vem na enxurrada  
e me parece que se chama sável  
Mas desenhem elas o que desenharem  
é essa a forma do meu país  
e chamem elas o que lhe chamarem  
portugal será e lá serei feliz  
Poderá ser pequeno como este  
ter a oeste o mar e a espanha a leste  
tudo nele será novo desde os ramos à raiz  
À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
e na avenida que houver à beira-mar  
pode o tempo mudar será verão  
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
mas isso era o passado e podia ser duro  
edificar sobre ele o português futuro (BELO, 2004, p.20)*

Nascido em 27 de fevereiro de 1933, Rui de Moura Ribeiro Belo teve sua estreia no cenário literário português no ano de 1961, data complexa para a mais recente poesia portuguesa. Sob o regime fascista, a publicação de *Aquele grande rio Eufrates (1961)*, primeiro livro do poeta, assinala já a intenção de pôr a nu os critérios culturais de um povo,

evidenciando todas as falhas da organização nacional. Dividido, entre outras partes, em “Apresentação”, “Dedicatória” e “Narração”, o livro citado contém uma referência à estrutura do poema épico, cuja temática parece perseguir a produção lírica de Ruy Belo. O gênero épico de matéria longa, que pretende cantar uma nação através de um herói coletivo, dá, assim, lugar ao gênero épico de matéria breve, que marca “o aparecimento público do próprio indivíduo na luta política contra um regime totalitário” (LOURENÇO, p.118). Sobre o gênero breve do poema épico, nos diz M.S Lourenço:

*O gênero breve do poema épico é, como o nome sugere, de tamanho menor, e acima de tudo o tema da viagem, que é o objecto comum a ambos os géneros, tem de ser compreendido num sentido puramente espiritual: aqui os dois pontos, o ponto de partida e o ponto de chegada, situam-se ambos na alma do chefe temporal e espiritual. Na verdade, no gênero breve de poema épico o chefe conduz-se apenas a si próprio. Ele já não funda uma nova ordem religiosa e política, ele funda ou antes descobre uma nova espécie de conhecimento, sendo a viagem agora de um estado inicial de ignorância para uma ordem mais elevada de conhecimento (LOURENÇO, p.118-119).*

Portanto, o que Ruy Belo faz é uma:

*recolha de restos culturais com que [sic] fala a um tempo arruinado de cultura, com que [sic] procede à montagem da sua razão de pessoa e de saber que fala aos outros homens não apenas ao caos instintual, mas sobretudo de uma linha de tradição que o construiu e com a qual ele sabe que nada mais pode construir senão versos (MAGALHÃES, 1989, p.149).*

Seguindo, portanto, o gênero épico, tal qual M.S. Lourenço o concebe, anos mais tarde, estreiam os livros *Boca Bilíngue* (1966) e *Homem de Palavra(s)* (1969), cuja “tradição neorrealista de atenção ao quotidiano colectivo e individual, misturada a um certo lirismo apiedado pelos mais solitários ou desprotegidos” (MAGALHÃES, 1981, p.150) acentua a “defesa de uma radical alteração das dominações de classes existentes, [e] o seu sonho, por vezes humanista, por vezes socialista, de melhoria e mudança do mundo” (MAGALHÃES, 1981, p.154). Sobre o título do primeiro livro mencionado, o poeta esclarece, em entrevista: “bilíngue é toda a poesia, não só na sua natureza de desvio em relação à norma que é a linguagem falada, como no particular aspecto que assume hoje em dia quanto ao problema da sinceridade” (BELO, 1984, p.29).

Unem-se, dessa forma, o poeta solitário ao poema solidário, cuja crença na fraternidade assinala, ainda, uma mudança do percurso da ideia de Deus em Ruy Belo, mudança pressentida exatamente nessa “consciência religiosa de fraternidade”

(MAGALHÃES, 1989, p.154), que nos aproxima de “um deus natural, ligado às coisas comuns. É um deus de vencido, não de dominadores” (MAGALHÃES, 1989, p.154). Ressalta-se que não há, em sua obra, o questionamento da existência de Deus; o que há é uma alteração do uso social da ideia de Deus, repúdio político contra os que se servem da conveniência de Deus. Instaura-se, pois, uma religiosidade do cotidiano, em que deus é posto em minúscula, à medida que é transformado em homem comum, tal qual notamos em “Orla Marítima”, incluído também em *Homem de Palavra(s)*: “Deus anda à beira de água calça arregaçada / como um homem se deita como um homem se levanta.”

Nada aqui é acidental e a influência do heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, torna-se, então, perceptível:

*O Guardador de Rebanhos*

*VIII*

[...]

*Um dia que Deus estava a dormir  
E o Espírito Santo andava a voar,  
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.  
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.  
Com o segundo tornou-se eternamente humano e menino.  
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz  
E deixou-o pregado na cruz que há no céu  
E serve de modelo às outras.  
Depois fugiu para o sol  
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.*

[...]

*Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.  
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.  
Ele é o humano que é natural,  
Ele é o divino que sorri e que brinca.  
E por isso é que eu sei com toda certeza  
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.*

*E a criança tão humana que é divina  
É esta minha quotidiana vida de poeta,  
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,  
E que o meu mínimo olhar  
Me enche de sensação,  
E o mais pequeno som, seja o que for,  
Parece falar comigo.*

[...]

*Esta é a história do meu Menino Jesus.*

*Por que razão que se percebe  
 Não há de ser ela mais verdadeira  
 Que tudo quanto filósofos pensam  
 E tudo quanto as religiões ensinam?* (PESSOA, 2006, p.44-47)

A nova concepção de Deus por Ruy Belo não representa, no entanto, uma recusa à sua formação católica. As influências bíblicas, em sua obra, são recorrentes e assumem uma nova dimensão, ditada pelo fluxo intervalar da memória, que logo trata de pôr a nu a cultura lusitana. Dessa forma, não seria demais associar a enxurrada de “O português futuro” ao dilúvio, pelo qual passou Noé. Passemos, assim, ao trecho da Bíblia, no qual o referido episódio está inserido:

*O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor. E disse: ‘Exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com ele os animais, os répteis e as aves dos céus, porque eu me arrependo de os haver criado’. Noé, entretanto, encontrou graça aos olhos do Senhor. (...) O dilúvio caiu sobre a terra durante quarenta dias. As águas incharam e levantaram a arca, que foi elevada acima da terra. (...) Todas as criaturas que se moviam na terra foram exterminadas (Opus Citatum, 1999, p.53).*

Eis, portanto, “um mundo sempre renascente”, uma vez que, em estado permanente de infância, renova-se na criação literária. Acredita-se, portanto, ser esta a base de um “Portugal Futuro”, que, vive, no presente poético, ecos assombrosos da fala do Velho do Restelo, no Canto IV, de *Os Lusíadas*:

*A que novos desastres determinas  
 De levar estes reinos e esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhes destinas,  
 Debaixo dalgum nome preminente?* (CAMÕES, 2004, p.137)

Leitor de Manuel Bandeira, Ruy Belo responde em “Morte ao meio-dia” (1966):

*A gente é previdente cala-se e mais nada  
 A boca é pra comer e pra trazer fechada  
 o único caminho é direito ao sol*

*No meu país não acontece nada  
 o corpo curva ao peso de uma alma que não sente  
 Todos temos janela para o mar voltada  
 o fisco vela e a palavra era para toda a gente*

*E juntam-se na casa portuguesa  
 a saudade e o transistor sob o céu azul*

*A indústria prospera e fazem-se ao abrigo  
Da velha lei mental pastilhas de mentol* (BELO, 2004)

E conclui: “O meu país é o que o mar não quer” (BELO, 2004).

O desejo de um país, onde “tudo nele será novo desde os ramos à raiz” denuncia a insuficiência de um presente de desastres, perigos e mortes, os quais toda uma geração cuidará de desvendar. Há de se observar que, no curso imaginário poético português e, mais especificamente, no de Ruy Belo, a imagem da infância, como em Caeiro, é retomada não para a proposição de um retorno nostálgico, já que isso pressuporia partir de um passado mítico, mas para sua criação, com toda a carga lúdica que a palavra sugere. O Portugal futuro, “desenhado” e “edificado” em matéria lírica, parte de um Portugal passado posto às claras. Passando, então, ao trato desta fase do desenvolvimento humano, à qual convencionamos chamar de infância, vemo-nos, agora, estimulados a abraçar as particularidades que a envolvem e a tornam centro de um projeto de *criação literário*. Com essa intenção, pois, recorro à etimologia da palavra infante que nos foi generosamente cedida por Luci Ruas:

*Recorramos à etimologia, não à da palavra criança, mas à de infante, que também a pode definir. Formada pelo radical fa- do supino fatus do verbo fari, verbo depoente latino que significa proferir, falar, dizer, confessar -, a que se acrescem o prefixo in, denotativo de negação, e o sufixo agente nte, a palavra infante designa “aquele que ainda não é capaz de proferir” e, por isso mesmo, está fora do sistema. Ser infante, portanto, significa estar fora do sistema ordenador e lógico, marcado pela regra e pela convenção, pelo que, na linguagem dos comportamentos sociais, é arbitrário e sentencioso, expressão de um poder que estabelece erros e certos, excluídos e incluídos, e - por que não?- os “de cá” e os “de lá” (RUAS, 2008, p.172).*

Um dos lugares ideológicos mais reiterados da poesia portuguesa, a infância é concebida por Ruy Belo como o espaço de uma sabedoria natural, o que torna “profundas as crianças”. Nasce, assim, ainda que no papel, um tempo que, longe do “sistema ordenador e lógico, marcado pela regra e pela convenção”, evidencia a necessidade de “alteração dos sufocados horizontes quotidianos” (MAGALHÃES, 1999, p.146). Citemos, por hora, fragmento do poema “Despeço-me da terra da alegria”, que dá título ao seu último livro (1977):

*Ver-me sensível para com as estações  
irmão somente de inocentes animais  
ao sol ao nevoeiro à chuva à neve  
**ser no meu coração uma criança**  
**viver num mundo sempre renascente***

*ser consciente desta vida instável  
saber que em meio dos espaços infinitos  
circula em mim uma porção de sangue quente  
**sentir em mim a marca da puerilidade vagabunda**  
familiar da morte a cada passo* (BELO, 2004, p.214-215) [grifos nossos]

A imperação da emoção na apreensão do real faz prevalecer “uma escrita que nunca deixa de perspectivar do real o que é espiritual, que nunca consente em aceitar o real como desprovido de densidade anímica” (MAGALHÃES, 1989, p.146). Tal densidade passa, então, a ser reconhecida, em “O português futuro”, a partir de uma linguagem simbólica significativa. Integrantes e responsáveis pelo ciclo da vida, ar (“O português futuro é um país / aonde o puro pássaro é possível”), água (“esse peixe da infância que vem na enxurrada / e me parece que se chama sável”) e terra (tudo nele será novo desde os ramos à raiz) unem-se em favor de uma nação que faça valer o repúdio por uma sociedade hierarquizada, politicamente submetida aos interesses de uma minoria.

Trata-se da invenção de uma nação, para qual se entende como essencial a recusa de um passado opressor e mítico (Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz / mas isso era o passado e podia ser duro / edificar sobre ele o português futuro), lançando sobre o futuro um olhar inaugural e “inventariante”, típico da infância, a partir do qual se desenha ou se escreve a giz, e, assim, “do presente obscuro português / algum futuro há-de enfim nascer” (BELO, 2004, p.231-245). Eis, portanto, *Ruy Belo*, cujo lirismo constitui-se como forma possível de resistência, de esperança e de libertação, simbolizadas pelo ar e elementos a ele associados. Em direção ao céu, crescem os “ramos” desta árvore lusitana, estendidos em sonhos e firmados na terra pela “raiz” que “remete ao que é profundo, ao que alimenta, à parte oculta que suga os substratos necessários à vida; significa também o que sustenta, o que prende, sendo, desse modo, vínculo, liame. Representa o germe, o princípio, o que se reproduz” (SECCO, 2006, p.275). Trata-se, sobretudo, de ser radical, pois, como já nos disse Marx, “ser radical é tomar as coisas pela raiz. Mas, para o homem a raiz é o próprio homem”.

Numa aparente simplicidade, próxima da oralidade, Ruy Belo “valoriza a construção frasal e a discursividade como meios fundamentais para a configuração de uma subjetividade confessional e reflexiva complexa” (ALVES, 2006, p.140), configuração ainda assegurada pelo “cuidado com o nível significante do verso, na deliberada ausência de pontuação a exigir do leitor atenção redobrada aos conjuntos sintáticos” (ALVES, 2006, p.141). Assim, ao importar-se em reconstruir e reinventar afetos, o poeta acaba por revelar uma maneira particular de se construir o real, através de uma nova interpretação e realização da natureza,

do tempo, da linguagem, da memória e da história. Trata-se, sobretudo, de construir a realidade própria do poema; lugar improvável, da hipótese. A esse respeito, nos fala Joaquim Manuel Magalhães:

*... a sua poesia encontra-se ligada à crença na capacidade lógica da organização discursiva e na possibilidade de distribuição retoricamente racional dos ímpetos criativos que unem a interioridade anímica à exterioridade das coisas, ligando-as numa indissociável intensidade vocabular (MAGALHÃES, 1999, p.148).*

A infância, também nesse sentido, figura como imagem capaz de descrever o processo de reestruturação pelo qual passa a linguagem poética de Ruy Belo, “espaço exemplar de vida que nasce da morte, ou seja, força da criação que vem da dor da ausência e da negação” (ALVES, 2006, p.145).

*A linguagem corrente chama um gato de gato, como se o gato vivo e o seu nome fossem idênticos, como se o fato de nomear não consistisse em reter dele somente a ausência, o que ele não é. (...) A linguagem comum certamente tem razão, a tranquilidade tem esse preço. Mas a linguagem literária é feita de inquietude, é feita também de contradições. Sua posição é pouco estável e pouco sólida. De um lado, numa coisa, só se interessa por seu sentido, por sua ausência, e essa ausência ela desejaria alcançar absolutamente nela mesma e por ela mesmo, querendo alcançar em seu conjunto o movimento indefinido da compreensão. (...) Na palavra, morre o que dá vida à palavra; a palavra é a vida dessa morte; é “a vida que carrega a morte e se mantém nela”. Admirável poder. Mas algo estava ali e não está mais. Algo desapareceu. Como encontrá-lo, como me voltar para o que é antes, se todo o meu poder consiste em fazer o que é depois? A linguagem da literatura é a busca desse momento que a precede (BLANCHOT, 1997, p.313-315).*

Instaura-se, assim, a “discursividade do sentimento” (MAGALHÃES, 1989, p.151), que põe entreditas as palavras, ao realizar, com fascínio e com labor, a necessária “trapaça salutar” (BARTHES, 1980, p.16) na língua sistemática e ordenadora, trapaça de que nos fala Roland Barthes. O corpo textual no qual está debruçada a língua e suas possibilidades ainda não realizadas; eis o espaço do prazer, da generosidade, em que duas margens estão, então, traçadas:

*... uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem. Essas duas margens, o compromisso que elas encenam, são necessárias. Nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza (BARTHES, 2008, p.12).*

Sobre sua poesia, declara Ruy Belo, em 1984:

*Talvez se possa entender a poesia como o exercício da sabedoria da linguagem, numa definição ampla, que porventura terá o mérito de contemplar o que de mais geral, de mais característico, de mais permanente ela contém. Por outro lado, linguisticamente, a poesia configura-se como a violação, o afastamento em relação a uma norma que é a linguagem usada nas relações habituais entre os homens. Há um certo caráter revolucionário inerente a toda a boa poesia e a revolta nos temas ou motivos pode facilitar um certo vigor que nunca deve deixar de existir ao nível da expressão. Mas, um pouco paradoxalmente, a melhor poesia, entre ela a poesia maldita, pode servir um ideal de comunhão entre os homens. Talvez nos seja lícito invocar a experiência pessoal para testemunhar que um poema como a ode de Álvaro de Campos, que começa: “Se te queres matar, porque não te queres matar?”, pode em certos momentos restituir-nos a abalada confiança na vida. Porque onde duas almas se encontram alguma coisa repentinamente começa (BELO, 1984, p.89-90).*

“Nessa altura, a palavra foi deslocada da sua missão original. Resta-lhe a possibilidade de ser purificada através da parábola ou da metáfora, ou da imagem, ou do símbolo” (MAGALHÃES, 1989, p.145-146). Os “artifícios de dizer”, em Ruy Belo, passam, assim, pela recusa da pontuação, fuga modernista a um excesso convencional da configuração do discurso. A pontuação passa, dessa forma, pela busca de uma linguagem primordial, essencialmente criadora, capaz de ceder, pois, às exigências da arbitrariedade. A apoteose do estético é também conquistada, em Ruy Belo, por meio de uma democracia igualmente verbal, uma vez que as palavras, todas em minúscula, exceto em começo de frase, assinalam um “desejo de que palavra alguma levante a cabeça no meio da frase, por mais carregada de sagrado que a história no-la tenha feito” (MAGALHÃES, 1989, p.153).

Laboratorial, portanto, a linguagem como um fim em si mesmo, transforma-se, “no contacto com o leitor, num dispositivo de transfiguração das sufocações alienantes” (MAGALHÃES, 1999, p.146), tornando-se “capaz de, em correspondências, dizer como em estados de censura, de proibição do livre trânsito da palavra, a poesia aprende a dizer, soletra, diz e ensina a dizer, escreve o sentido de falar de liberdade em tempos de opressão” (SILVEIRA, 2009). Reafirma-se, assim, a “crença da possibilidade transformadora e transpessoal da linguagem poética”(MAGALHÃES, 1989, p.150), que faz com que a arte seja entendida como “a passagem da quotidiana matéria da natureza, de afectos e ideias, a um estado poético de símbolo e de sonho (MAGALHÃES, 1989, p.146)”. “E sobre o leito negro do asfalto da estrada”, nasce o verão, tempo de iluminada poesia, a nova máquina do mundo.

## BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Ida Ferreira. “Fugitivo da Catástrofe: a escrita poética de Ruy Belo”. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *As máscaras de Perséfone – Figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2006. p. 137-150.

AMARAL, Fernando Pinto. “No limiar da alegria: alguns aspectos da melancolia na obra de Ruy Belo”. In: *Na órbita de saturno*. Lisboa: Hiena, 1992. p.92-106.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BELO, Ruy. *Poemas de Ruy Belo*. Lisboa: Assírio & Alvim / Sons, 2004.

\_\_\_\_\_. *Obra poética*. (org. e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo). Lisboa: Presença, 1984. v.3.

\_\_\_\_\_. *Todos os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. v.1, 2 e 3.

*Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CRUZ, Gastão. *A vida da poesia: textos críticos reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

LISPECTOR, Clarice. “Escrever”. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURENÇO, M.S. “Epopéia Crepuscular”. In: *Os degraus do parnaso*. Lisboa: Assírio & Alvim. p. 117-123.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. “Ruy Belo”. In: *Os dois crepúsculos: Sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981. p.145-163.

\_\_\_\_\_. “Ruy Belo”. In: *Um pouco da morte*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p.145-174.

\_\_\_\_\_. “Ruy Belo”. In: *Rima Pobre: poesia portuguesa de agora*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. p.146-150.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre Voz e Letra – O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Pallas, 2007.

PESSOA, Fernando. “O Guardador de Rebanhos”. In: *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

*Revista de Poesia Relâmpago* nº4: Ruy Belo. Lisboa: Relógio d’Água, 1999.

RUAS, Luci. “Primeiras Estórias ou o que não morre não morre: fica encantado”. In: *Metamorfoses*. Volume 8. Rio de Janeiro: Caminho, 2008. p. 172.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. “Mia Couto e a Incurável Doença de Sonhar”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (org.). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. “O retorno do épico”. In: *I Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena*, 2009.